

Oferta de bolsas deve ser suspensão

16 NOV 1997

Paulo Silva Pinto

Da equipe do Correio

A oferta de novas bolsas de doutorado, mestrado e iniciação científica do governo federal deve se aproximar de zero no próximo ano. O pacote econômico anunciado na segunda-feira força as agências financiadoras de pesquisas a cortarem 12,5% das despesas com as bolsas, o equivalente a cerca de R\$ 90 milhões. Para não sacrificar quem já tem bolsa, os cortes serão concentrados nos novos pedidos.

A cada ano, cerca de 10% dos estudantes deixam de receber bolsas porque concluem os cursos. A saída deles do sistema é que abre espaço para novas bolsas. Mas como esse índice de renovação praticamente coincide com o corte determinado pelo governo, será quase impossível conseguir uma vaga em 1998.

Os bolsistas estão preocupados com o futuro e já começam a refazer planos para o longo prazo. Em vez de continuar na carreira científica, acham melhor procurar emprego, o que tende a pressionar ainda mais o mercado de trabalho.

É o caso de Alexandre dos Santos, 25 anos, que faz mestrado em ecologia na UnB. Desde março deste ano, ele recebe R\$ 720 por mês da Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), do Ministério da Educação, para dedicar-se exclusivamente às aulas e à pesquisa envolvida no curso.

Até 1999, quando ele pretende defender a tese de mestrado, a bolsa deve ser mantida. Mas Alexandre quer parar por aí. Não tentará o doutorado mais tarde, que seria a continuação da carreira científica. "Acho que as coisas tendem a piorar na economia e que os cortes não serão revertidos", disse.

EMPREGO

Rodrigo Noletto, 25 anos, tem uma bolsa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para participar de pesquisa como estudante de graduação em engenharia florestal. Até o final do curso, no ano que vem, ele acha que está garantido. "Mas depois disso acho que não vou mais fazer mestrado". Ele prefere procurar emprego em indústria de celulose em Imperatriz, no Maranhão.

O estudante de letras Adeilton Lima, 32 anos, está preocupado com a possibilidade de perder a bolsa antes do fim do curso, no meio do próximo ano. "O grupo de pesquisa de que faço parte é muito grande, de 15 pessoas. É possível haver cortes", disse. Lima recebe R\$ 240 por mês do CNPq e da UnB para dedicar-se ao curso de graduação e à pesquisa, sobre o ensino de literatura no 2º grau. Como é sua única fonte de renda, se a bolsa for cortada ele irá procurar emprego.

Só será possível oferecer novas bolsas desviando parte do corte a outros programas existentes, segundo o presidente do CNPq, José Galízia Tundisi. Há bolsas provisórias, de meses ou semanas, para trazer visitantes a projetos específicos, que podem ser sacrificadas. O detalhamento do prejuízo só será conhecido dentro de algumas semanas.

Tundisi não quis comentar a contradição de o governo anunciar cortes nas bolsas apesar de garantir que a área de educação seria poupada. "Essa pergunta deve ser feita aos ministros Israel Vargas (Ciência e Tecnologia) e Paulo Renato Souza (Educação)", disse.